



MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS

CARTOGRAFIA COMO INSTRUMENTALIZAÇÃO DO DISCURSO

RELATÓRIO FINAL DE PROJETO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA
(PIBIC/CNPq/INPE)

Raiane Cavalcante de Souza (Bolsista PIBIC/CNPq)
E-mail: rai4cavalcante@gmail.com

Msc. René Antonio Novaes Júnior (DSR/INPE, Orientador)
E-mail: rene@dsr.inpe.br

Outubro de 2024

Resumo

Este projeto tem como objetivo conectar o saber científico com o saber local. Proporcionando autonomia e conhecimento aos estudantes e os capacitando a utilizar ferramentas de geotecnologia e abrir espaço para discussões relevantes para a melhoria do ambiente que vivem. O projeto vem acontecendo na escola Semíramis Prado de Oliveira, na cidade Ubatuba do estado de São Paulo, por meio de etapas sendo elas, a apresentação da proposta do projeto aos diretores, diretoras e estudantes da escola escolhida para participar. A criação de um ambiente acolhedor para que os alunos se sintam confortáveis em compartilhar as experiências vividas em seus territórios e aprofundar sobre os temas mais citados pelos alunos e alunas buscando praticas integrativas como meio facilitador e recurso de aprimoramento pessoal. Em uma das etapas realizadas os estudantes tiveram atividades com um mapa impresso englobando o território onde vivem. Após a elaboração do mapa será feita uma narrativa com os participantes para um levantamento de melhorias que podem ser feitas em seus respectivos territórios, salientando mitigar os efeitos negativos vivenciados. Buscando solucionar as questões pontuadas a partir do diálogo com os estudantes. Outra etapa importante é a conversa direta com o poder público local, no caso a Prefeitura de Ubatuba, Câmara dos Vereadores e seus respectivos representantes, com o objetivo de apresentar e discutir as soluções das problemáticas citadas durante todos os diálogos com os alunos. Por fim a última etapa trata-se de divulgar o projeto a outras instituições como Escolas públicas e privadas, Organizações Não Governamentais, Universidades, Instituto de Pesquisas entre outras instituições. Este encontro se realizará nas dependências do INPE com o intuito de instigar a reaplicação da metodologia criada no término do projeto. Os resultados alcançados até o presente momento deste trabalho foram a atualização de apostilas que serão utilizadas pelos estudantes ao desenvolverem o mapa e o mapeamento utilizando o mapa impresso. Com tudo o projeto está tendo um ótimo desenvolvimento respeitando e avançando de acordo com as demandas escolares.

Palavras-chave: Geotecnologia. Narrativa. Poder Público. Escola. Território

Introdução

O projeto em questão aborda problemáticas vivenciadas pelos estudantes da escola Semíramis Prado de Oliveira, comunidade que fica situada no bairro Saco da Ribeira na cidade de Ubatuba-SP, esses problemas estão ligados à infraestrutura do bairro onde está localizado a escola e a de bairros próximos. O projeto proporciona que os estudantes tenham destaque em falar das dificuldades que vivenciam, promovendo a autonomia para que busquem soluções para resolvê-las. Com a integração de oficinas que trabalham para desenvolver o conhecimento dos estudantes com ferramentas e conceitos de geotecnologia, mapas analógicos e atividades.

Fundamentação Teórica

1 - Cartografia social

Segundo Ascerald et al. (2008), a sociedade nunca teve a oportunidade de elaborar seus mapas, suas cartografias. As bases cartográficas e os mapas geralmente são produzidos por técnicos especializados, sob os interesses de instituições públicas e privadas. Porém, diversas iniciativas de mapeamento se propõem a incluir populações locais nos processos de produção de mapas e estas disseminaram em todo o mundo, especialmente a partir dos anos 90. Desta forma, por meio da cartografia social busca-se dar voz e visibilidade às diversas categorias sociais na exposição de seus processos de territorialização e de suas identidades, como uma forma de afirmar "direitos" territoriais em diferentes contextos.

A cartografia social contribui para a construção/reconstrução de territórios, que podem ser também construídos ou reconstruídos por cidadãos comuns conhecedores do ambiente em que vivem, sugerindo soluções para o enfrentamento dos problemas ou situações que os afetam no cotidiano, refletindo diretamente, dentre outras coisas nas relações sociais vigentes. Conforme Santos (1988) sempre que uma sociedade sofre uma mudança, as formas e objetos geográficos assumem novas funções, resultando em novas dinâmica socioespacial.

Segundo Galdino et al.(2016) a cartografia social é uma proposta metodológica da ciência cartográfica que legitima através de um processo que reconhece os interesses da comunidade como força motriz nos processos sociais, propiciando o empoderamento do conhecimento territorial aos grupos sociais que passam por algum tipo de conflito. A cartografia social implica em uma atividade compartilhada com forte intercâmbio de ideias em debate sobre ações, objetos, conflitos e finalmente o consenso, por isso é caracterizada por ser uma técnica dialógica e dialética. Suas finalidades múltiplas: “A cartografia social é usada para objetivos diversos tais como: legalização de terras públicas, posse legal da terra, melhorias habitacionais, publicização de fenômenos e/ou situações de vida, divulgação de serviços, infraestrutura e/ou cultura de um determinado lugar/povoação, etc (Evangelista et al, 2016)”.

Conforme Evangelista et al. (2016), a cartografia social surge no Brasil no início da década de 90, com o projeto nova cartografia social da Amazônia, mais especificamente na área do programa grande Carajás onde se utilizou esta técnica como subsidio a políticas fundiárias e ambientais, através da discussão de legislações, elaboração de planos de uso, manejo e de gestão territorial e, por fim, a criação de reservas extrativistas. Hoje existem diversos projetos espalhados pelo país utilizando a cartografia social como porta voz de comunidades anteriormente mudas e, também, como meio de proposta de mudanças, reconhecimento e enfim empoderamento do seu território e identidade.

Neste projeto, a cartografia social permitirá aos participantes a exposição dos problemas que os afligem cotidianamente, tanto do ponto de vista material como também psíquico, visando buscar a reorganização destes territórios. Além disto, a cartografia social contribuirá para subsidiar o diálogo que se pretende estabelecer de uma forma direta e participativa, da comunidade com o poder público, visando à participação ativa e direta na tomada de decisão quanto à reorganização territorial.

Uma das ferramentas utilizadas pela cartografia social é o mapeamento participativo ou colaborativo, que permite a indivíduos comuns ou grupos (comunidades) terem em mãos um instrumento de denúncia e soluções construindo e/ou fortalecendo laços sociais, garantindo a autonomia e o poder local (Tavares, 2016).

2 – Mapeamento Participativo

De acordo com Daou (2010) a produção de mapas não está mais restrita às instâncias hegemônicas, propiciando perspectivas de mapeamentos "contra hegemônicos" ou a promoção de afirmações identitárias, sustentando reivindicações por direitos e serviços. Para Roquete (2015) o mapeamento participativo pode se configurar como uma prática no auxílio a comunidades locais na busca da autonomia territorial, permitindo seu engajamento no levantamento, análise e soluções de conflitos e visando a inserção nos processos de tomada de decisões sobre seus próprios territórios. Tais mapas acabam se tornando um meio de autonomia por permitir que comunidades locais representem-se espacialmente a si próprias Cobert (2009).

Entre os propósitos do mapeamento participativo estão: auxiliar comunidades em articular e comunicar o conhecimento espacial para agências externas, permitir às comunidades que gravem e arquivem o conhecimento local, apoiar comunidades no planejamento do uso da terra e na gestão de recursos, às comunidades advogarem quanto às mudanças, aumenta a capacitação entre e nas comunidades, localizar conflitos, indicando áreas de preocupação e interesse que devem ser investigadas, assim como explorar possíveis soluções para os problemas (Corbett, 2009).

De acordo com Rambaldi et al (2006), o estabelecimento da confiança entre a comunidade ou residentes (insiders) de um território e os pesquisadores/técnicos (outsiders) que auxiliarão na realização do mapeamento, é o bloco da construção no qual a experiência do mapeamento participativo deve ser fundada. De acordo com Neto (2016), destarte a relação entre insiders e outsiders não se restringe apenas na transferência de conhecimentos técnicos cartográficos, mas sim na promoção e contextualização da importância das técnicas cartográficas na representação integral das características territoriais.

Cabe ressaltar que de acordo com Souza (2006) autonomia territorial se dá quando em uma coletividade todos se encontram em situação de igualdade diante dos processos decisórios, acordando sobre as regras de organização territorial. Desta forma, o uso do mapeamento participativo neste trabalho é oferecer oportunidade para que a comunidade expresse seus anseios

em relação ao território através de um “documento cartográfico”, elaborado pela integração de conhecimentos (locais e técnicos) na construção da autonomia territorial.

3 – Sensoriamento Remoto

Segundo GALLOTTI (2011) sensoriamento remoto remete a tecnologia que permite que por meio dela se obtenha imagens da superfície terrestre, essas imagens são geradas por sensores instalados em superfície terrestre, áreas e orbitais. Podemos citar como exemplo os satélites artificiais, balões e aeronaves. Dentre os conceitos que englobam o sensoriamento remoto é válido saber as fontes de energia usadas, sendo elas provenientes de uma fonte natural como o calor do sol ou até mesmo de uma fonte artificial como o sinal produzido por um radar. Com o avanço do sensoriamento remoto a tecnologia evoluiu de maneira significativa proporcionando por exemplo as imagens de satélites.

Ainda que haja uma certa popularização na mídia de imagens como Google Earth, livros didáticos e atlas, as imagens de satélites ainda não são tão exploradas como deveriam nos ensinamentos educacionais. O uso do sensoriamento remoto como recurso educacional se destaca pois os dados contidos em apenas uma imagem podem ser utilizados para multifinalidades. O uso do SIG (Sistema de informação geográfica) possibilita um ensino mais dinâmico e personalizado, podendo-se analisar, gerar mapas, obter informações locais, regionais e globais, sendo assim um poderoso recurso didático. Com esse recurso em mãos o educador pode tornar suas aulas mais envolventes, sendo possível trabalhar com os alunos com um material didático com estudo do espaço local, inserindo os estudantes no mundo tecnológico. Com o uso do SIG o educador pode elaborar um material que acrescente os livros didáticos, trabalhando na percepção e compreensão do processo de organização e transformação do espaço. Com a interpretação de imagens de diferentes datas de uma mesma região, é viável um conjunto de acervos de outras fontes, trabalhando na recomposição do processo de ocupação e desenvolvimento de uma região. O uso das imagens de satélites são um importante recurso para os estudos dos problemas de saúde pública relacionados à contaminação das águas, como a cólera e a leptospirose, e à poluição atmosférica, como as doenças respiratórias, entre outras condições ambientais (Ibidem,p.4).

4 – Geotecnologia

A geotecnologia é a ciência em busca de um desenvolvimento sustentável abordando práticas integrativas para solucionar problemáticas causadas por ações irregulares que prejudicam o meio físico geológico (YAZBEK, SHOJI, CABRAL, 2000).

A importância da geotecnologia no ensino básico tem sido discutida como uma medida importante para diversificar o acesso a essa tecnologia para estudantes do ensino básico. A cartografia não tem só o papel de compreender um mapa ou fazê-lo, mas também de ampliar a habilidade de representação e interpretação do espaço geográfico (Et al: CARVALHO, 2009). Nas escolas é

importante que de maneira pedagógica o mundo da geoinformação seja inserido e acolhido pelos professores e estudantes. As geotecnologias auxiliam de forma eficaz o aprendizado dos conteúdos cartográficos, proporcionando que os estudantes tenham a habilidade de “localizar, correlacionar, analisar fatores geográficos atuantes na dinâmica da superfície terrestre com dados/informações em diferentes escalas espaciais e temporais” (SOUSA, DI MAIO, 2014)

Com a evolução das geotecnologias o modo tradicional de estudar geografia vem mudando, levando em conta o fácil acesso em obter imagens de satélite, mapas digitais entre outros recursos provenientes da internet, um exemplo é a plataforma Google Earth (ALBUQUERQUE, 2012). No entanto apesar da crescente evolução, o ensino cartográfico ainda é um grande desafio, devido os procedimentos metodológicos e pedagógicos utilizados no ensino. É necessário que para pontuar três desafios ao implementar a cartografia no ensino segundo Stümer (2011): “O primeiro desafio é construir com o aluno conhecimentos geográficos acerca das implicações que o mundo global traz para o espaço local ou, em outras palavras, as determinações externas sobre a vida nos lugares, para isso utilizando as TIC. O segundo desafio para o ensino de geografia é incorporar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ao cotidiano das aulas, de modo a contribuírem para a aprendizagem efetiva do aluno, e não apenas para ilustrar os conteúdos. O terceiro desafio envolve o primeiro e segundo desafio. Consiste na construção de conhecimentos geográficos sobre o mundo global, por meio das TIC, no intuito de permitir ao aluno desenvolver habilidades e construir competências – no caso dos cursos técnicos, na área específica de atuação -, bem como capacitá-lo a refletir criticamente sobre o papel das tecnologias na configuração do espaço geográfico” (DA SILVA SOUSA, 2017)

Objetivos

Os objetivos do projeto são trabalhar com os estudantes durante as atividades a autonomia dos mesmos, os fazendo questionar e argumentar sobre as problemáticas existentes em seus territórios, além disso buscar a solução para resolve-las. Desenvolver habilidades e percepção com o uso de ferramentas de geotecnologia. Conectar os estudantes com a ciência por meio da cartografia de seus territórios.

Metodologia

Para dar início ao projeto na escola Semíramis Prado de Oliveira foi realizada uma reunião com a direção, coordenação e com os professores (Figura 1). Os assuntos abordados foram de como o projeto vem sendo aplicado em outras escolas de São José dos Campos, os resultados alcançados e como será aplicado na Semíramis.

Figura 1 - Reunião na escola Semíramis Prado de Oliveira.



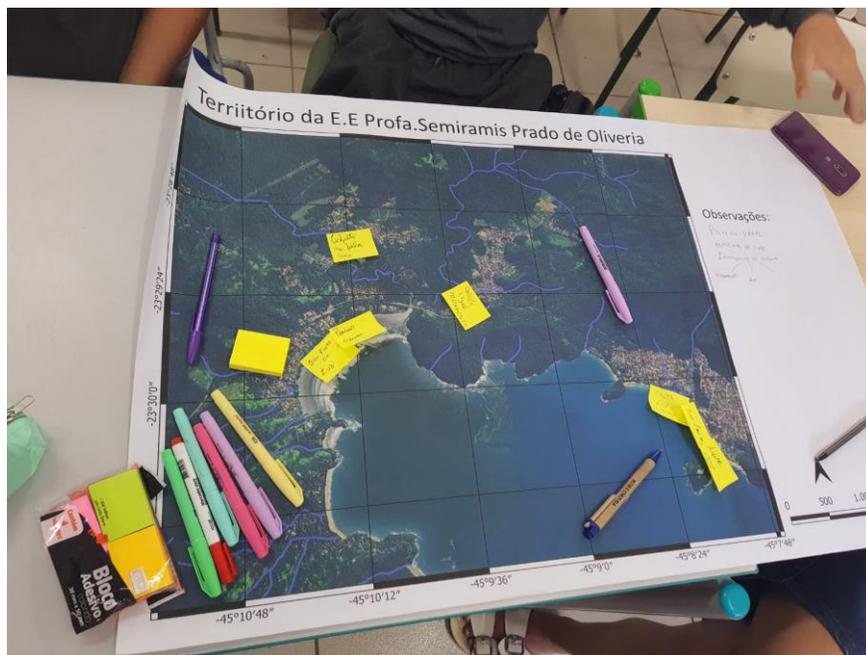
O próximo passo foi apresentar aos estudantes a proposta do projeto, para isso um dos professores de geografia presente na reunião se voluntariou para espalhar a proposta. Após reunir os alunos interessados foi iniciado as demandas do projeto. Na primeira reunião com os estudantes (Figura 2) foi feita uma apresentação com slides dos conceitos importantes a serem trabalhados, conceitos esses diretamente relacionados a sustentabilidade, a importância dos recursos naturais renováveis e não renováveis, a importância das APPs (Áreas de Preservação Permanente), o uso da TPA uma taxa de preservação ambiental presente na cidade de Ubatuba. Com o auxílio de uma mapa impresso (Figura 3) que engloba todos os bairros que os estudantes moram, os mesmos começaram a marcar

no mapa quais melhorias gostariam que sejam aplicadas nos bairros dentre as propostas apresentadas por eles havia: Iluminação melhor, passeios educacionais com o recurso da TPA, ruas sem buracos, mais lixeiras.

Figura 2 - Primeira reunião com os estudantes.



Figura 3 - Mapa produzido pelos alunos na primeira reunião.



Na segunda aula com os estudantes foi trabalhado o conceito de APPs onde eles começaram a mapear (Figura 4) no mesmo mapa da aula anterior, com caneta e régua indicando a áreas de APPs presentes no mapa, para isso eles utilizaram a régua para marcar dez centímetros de distância dos corpos d'água dos no mapa que na realidade equivale a 100 metros. Nessa atividade os estudantes estimularam as habilidades de trabalho em grupo, percepção da sua área de outra ângulo e questionamentos.

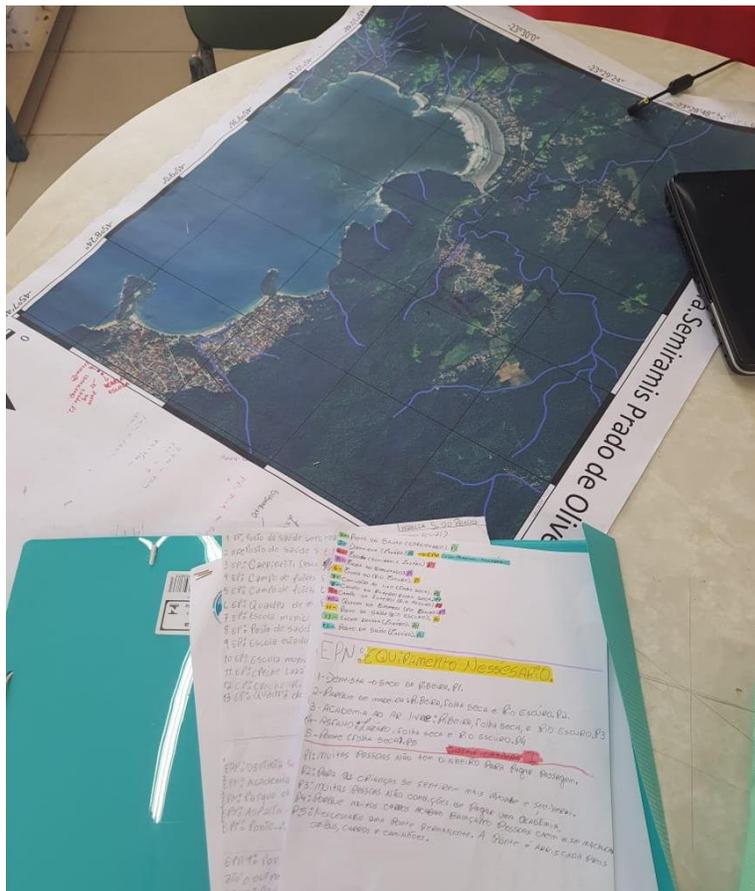
Figura 4 - Mapeando as APPs no mapa.



Na terceira atividade realizada com o mapa os alunos começaram a mapear (Figura 5) Equipamentos públicos (EP) presentes nos bairros que eles moram e Equipamentos necessários (ENP) que eles acham importante ter. Dentre os EP foram mapeados 13: 1- Posto de saúde do bairro Corcovado, 2- Escola Semíramis Prado de Oliveira, 3-Escola Carpinetti, 4- Escola do Corcovado, 5- Campo de futebol Folha Seca, 6- Campo de futebol Rio escuro, 7- Posto de saúde Rio escuro, 8- Posto de saúde Lázaro, 9- Escola Renata Castilho, 10- Creche do Lazáro, 11- Quadra do Lázaro, 12- Quadra do Rio Escuro, 13- Caminhão de lixo. Após isso foram mapeados os ENP totalizando 5, sendo eles: ENP 1- Dentista no posto do Saco da Ribeira, ENP 2- Parquinho de madeira para crianças, ENP 3- Academia ao ar livre, ENP 4- Rua asphaltada, ENP 5- Ponte definitiva no bairro Folha Seca. Dentre os ENP mencionados os alunos justificaram o motivo de porque esses equipamentos são necessários no bairro deles. Justificativas: ENP 1: É necessário o atendimento odontológico nos postos de saúde pois muitas pessoas não tem condições de pagar um dentista particular. ENP 2: Para que as crianças tenham um lugar decente para brincar. ENP 3: Para incentivar que mais pessoas de diferentes idades pratiquem atividades físicas gratuitamente. ENP 4: Uma rua bem nivelada é segura para todos. ENP 5: A ponte definitiva para o bairro Folha Seca é de grande

importância pois a ponte atual provisória coloca em risco a vida de todos os moradores residentes no bairro.

Figura 5 - Mapeamento das EP e EPN dos bairros que os estudantes residem.



Para auxiliar os estudantes foi atualizado duas apostilas que serão utilizadas durante o projeto, denominadas de Manual Técnico e Tutorial para o manuseio do My Maps. O manual técnico ensina o estudante desde como baixar o software QGIS (Figura 6) até como criar uma carta cartografia nele, com este software é possível que o aluno crie do zero um mapa do seu território com as informações que deseja e para que esse mapa seja válido é necessário transformá-lo em um documento cartográfico. Neste Manual Técnico é explicado passo a passo de tudo para que os estudantes leiam e consigam replicar. A outra apostila atualizada, nomeada de Tutorial para o manuseio do My Maps (Figura 7), assim como outra explica passo a passo do que o estudante deve fazer para obter o resultado desejado, a diferença é que essa é exclusivamente focada no programa My Maps. Um programa mais acessível que qualquer pessoa que pesquisar na barra de pesquisa do Google consegue acessar, esse é um dos motivos para ser apresentado para os alunos, o My Maps assim como o QGIS permite que o usuário crie um mapa, porém com recursos mais básicos.

Figura 6 - Capa da apostila Manual Técnico.

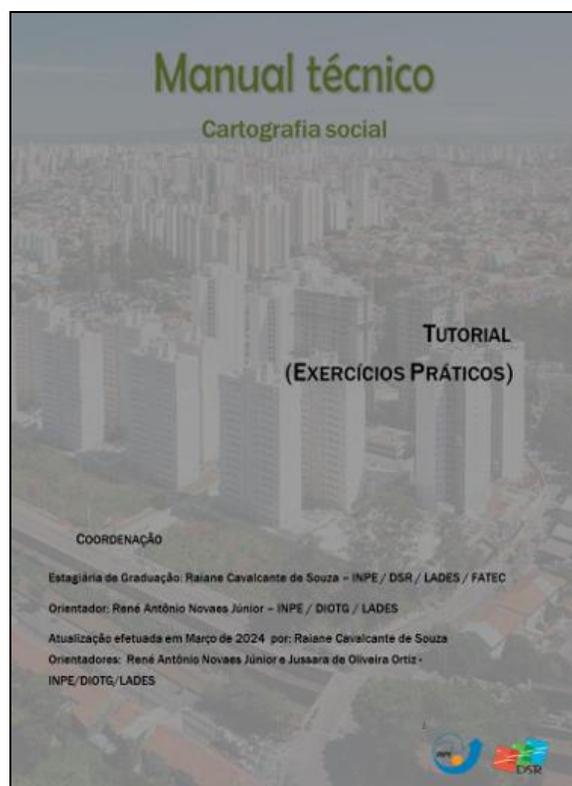
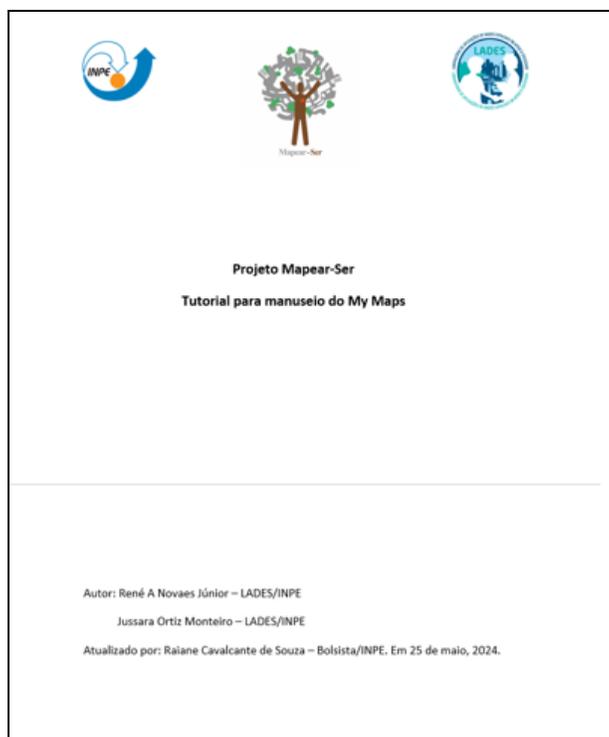


Figura 7 - Capa da apostila Tutorial para o manuseio do My Maps.



Resultados

Os resultados alcançados durante a presente etapa desse projeto foram:

- 1- Atualização das apostilas
- 2- Produção do mapa feito pelos alunos durante as reuniões com as delimitações de áreas de APPs
- 3- O mapeamento dos equipamentos públicos existentes no território dos estudantes e os equipamentos que ainda são necessários em seus bairros.

Esses são os resultados parciais do que ainda será feito junto com os estudantes.

Figura 8 - Estudantes mapeando o território que residem



Conclusão

Diante da atual fase do projeto, os objetivos propostos foram atingidos, porém a quantidade de estudantes nas oficinas foi menor do que o planejado. Com a continuação desta atividade o objetivo será conseguir alcançar mais alunos para participar ativamente do projeto. Se faz necessário desenvolver uma metodologia que desperte o interesse em mais estudantes para desenvolver tais atividades que beneficiam diretamente os mesmos. Mesmo com uma quantidade menor de alunos, os que estiveram presentes demonstram interesse em realizar as propostas sugeridas, mapeando seus territórios com empenho.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, E. L. S.; MEDEIROS, C. N. de; GOMES, D. D. M.; CRUZ, M. L. B. da. SIG-WEB Ceará em Mapas Interativos, novas ferramentas na cartografia escolar. Mercator, Fortaleza, v. 11, n. 24, p. 253-269, jan./ abr. 2012.

ACSELRAD, H. Cartografia sociais e território. In ACSELRAD, H. et al. (Org) - Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

CARVALHO, A. NUNES, C. LEVY, C. H. LAFAYETTE, C. A. ABREU, E. ALVES, M. V. SILVA, T. GEOIDEA - Geotecnologia como instrumento da inclusão digital e educação ambiental. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 14., 2009, Natal. **Anais...** Local: Natal INPE, 2009. p. 2397-2404. Disponível em: <http://marte.sid.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2008/11.02.18.51/doc/2397-2404.pdf>. Acesso em: 7 out mês. 2024.

CORBETT, J.(org.). Good practices in participatory mapping: A review prepared for the Internacional Fund for Agricultural Development (IFAD). IFAD.2009 – In Roquete, M.E.T – Dissertação (Mestrado em Geografia) na Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

DAOU, M.L. Na floresta da cidade: notas sobre experiências de mapeamentos participativos em contextos urbanos na Amazônia brasileira – 2010. I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro.

DA SILVA SOUSA, Luciano Mascarenhas; ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva. Google earth e ensino de cartografia: um olhar para as novas geotecnologias na Escola Santo Afonso Rodriguez, município de Teresina, estado do Piauí. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 8, n. 15, p. 94-104, 2017.

EVANGELISTA, A.N.A; LEITE, N.S; SOUZA, M.M.F; GORAYEB. A. A construção de mapas sociais para o reconhecimento dos problemas ambientais e a busca da qualidade de vida da comunidade da praia das Fontes, Beberibe – Ceará – Revista Geografar, v.11, n1. Curitiba, jul. 2016.

GALDINO, L. K.A; LANDIN NETO, F.O; SILVA, E.V; GORAYEB, A. Territorialidade e meio ambiente da terra indígena Pitaguary, Ceará – Brasil: Reflexões acerca das possibilidades do mapeamento participativo na aldeia de Monguba – 2016. V Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial. Fortaleza – CE.

GALLOTTI, T. Fundamentos do Sensoriamento Remoto. In: GALLOTTI, T. **Iniciação em Sensoriamento Remoto**. 3.ed. São Paulo: Oficinas de Textos, 2011. p. 9-22.

NETO, F.O.L.; SILVA, E.V.; COSTA, N.O. Cartografia Social instrumento de construção do conhecimento territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo – 2016. Revista Casa da Geografia de Sobral. Fortaleza – CE.

RAMBALDI, G.; KYEM, P.A.K.; MCCALL, M.K.; WEINER, D. Participatory spatial information management and communication in developing countries. The Electronic Journal of Information System in Developing Countries. EJISDC. V.25.n.1. 2006 - In Roquete, M.E.T – Dissertação (Mestrado em Geografia) na Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

SANTOS, M. Espaço e Método – São Paulo: Nobel 1998.

SOUSA, I. B.; DI MAIO, A. C. Tecnologias aplicadas à cartografia na educação ambiental: uma experiência no segundo segmento do ensino fundamental. In: Congresso Brasileiro de Cartografia, 26, 2014, Gramado (RS). **Anais...** Gramado: SBC, 2014. p.1-10.

SOUZA, M.L. A Prisão e a Ágora: Reflexões em torno da Democratização do Planejamento e da Gestão das Cidades – 2006. In Roquete, M.E.T – Dissertação (Mestrado em Geografia) na Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

STÜMER, A. B. As TIC'S nas escolas e os desafios no ensino de geografia na educação básica. Geosaberes, Fortaleza, v.2, n.4, p.3-12, ago./dez. 2011.

TAVARES, G.U; EVANGELISTA, A.N.A; SANTOS, J.O; GORAYEB.A. Mapeamento colaborativo: uma integração entre cartografia e desenvolvimento sustentável no campus do PICI – Universidade Federal do Ceará - 2016. V Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial. Fortaleza – CE.

YAZBEK, B. SHOJI, W. CABRAL, Geotecnologia: tendências e desafios. **São Paulo Perspec**, v.14., n.3, p.78-90, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/fpBRzNVf6ysd7tMPV67gzTQ/?lang=pt#>. Acesso em: 7 out. 2024.